



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DANIELE DO NASCIMENTO LOURENÇO

**ENTRE O ORGULHO E O PRECONCEITO DE SER MULHER: ELIZABETH
BENNET E O COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX**

GUARABIRA-PB

2019

DANIELE DO NASCIMENTO LOURENÇO

**ENTRE O ORGULHO E O PRECONCEITO DE SER MULHER: ELIZABETH
BENNET E O COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura e escritura feminina.

Orientador: Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

GUARABIRA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L342e Lourenço, Daniele do Nascimento.
Entre o orgulho e o preconceito de ser mulher [manuscrito]
: Elizabeth Bennet e o comportamento feminino no século XIX / Daniele do Nascimento Lourenço. - 2019.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos ,
Departamento de Letras - CH."

1. Romantismo. 2. Orgulho e Preconceito. 3. Casamento.
4. Comportamento de Elizabeth Bennet. I. Título

21. ed. CDD 823

DANIELE DO NASCIMENTO LOURENÇO

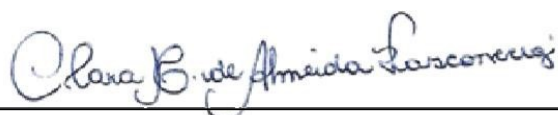
**ENTRE O ORGULHO E O PRECONCEITO DE SER MULHER: ELIZABETH
BENNET E O OPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura e escritura feminina.

Aprovada em: 06/12/2019

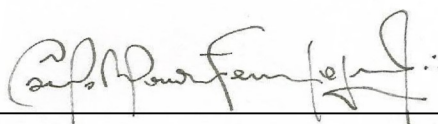
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ajudar-me na caminhada da vida.

Segundamente, a mim mesmo, por hipótese alguma pensar em desistir da caminhada acadêmica.

Ao meu amado esposo Laelson Vieira, que prontamente se dedicou em me apoiar e encorajar nos momentos de aflições que todo estudante universitário que já atua profissionalmente suporta.

A minha estimada sogra Maria Vieira, pela disposição e presteza em ajudar-me. Ela foi e é uma das pessoas que me inspira diariamente com sua força e determinação, e assim ajuda-me a crescer.

A minha amada irmã Manuh Lourenço, por estar sempre comigo, tanto no trabalho como atuando no mesmo curso acadêmico. Companheira fiel!

A minha cunhada/irmã Ana Cristina Vieira, por colaborar na medida certa com seus cuidados para comigo.

A minha família em geral, pelas preocupações e orações para eu conseguir concluir o curso. Obrigada, MÃE!

Agradeço a todos os mestres de ensino dessa Instituição Acadêmica que colaboraram com a minha aprendizagem no saber científico e também no crescimento pessoal como ser humano.

Agradeço, a minha orientadora Clara Vasconcelos, pela dedicação ao orientar-me nesse Trabalho de Conclusão de Curso, pela sua paciência ao falar que tudo daria certo. E deu! Grata!

Grata ao professor William, que se dispõe a ajudar-me numa situação específica do curso em qual solicitei sua ajuda.

Aos meus colegas de sala, que de alguma maneira deixaram algo de si para mim, que enriqueceu o meu crescimento pessoal. Especialmente a Cassiana Rosa, minha ajudadora e incentivadora nos momentos de adversidades no curso.

Por fim, a Deus novamente, pois só a ELE toda a glória para todo sempre, Amém!

“Há uma teimosia em relação a mim que nunca pode suportar ter medo da vontade dos outros. Minha coragem sempre aumenta a cada tentativa de me intimidar.”

(Jane Austen)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2.1 Jane Austen.....	13
3 MULHER INGLESA NO SÉCULO XIX.....	18
4 ELIZABETH: UMA NOVA MULHER NO SÉCULO XIX.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

ENTRE O ORGULHO E O PRECONCEITO DE SER MULHER: ELIZABETH BENNET E O COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX

Daniele do Nascimento Lourenço¹

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar a personagem Elizabeth Bennet, na narrativa *Orgulho e Preconceito* (2018), da escritora inglesa Jane Austen. Isso será realizado através da observação dos principais aspectos da personalidade da personagem, que refletem no modo pelo qual ela se comporta diante do que pensa acerca do casamento, que é plenamente evidenciado pela autora no desencadear da obra. Partindo de uma pesquisa bibliográfica e documental, inicialmente apresentaremos, de maneira breve, o contexto histórico sobre o romantismo; em seguida, a biografia e o estilo literário de Jane Austen; que será acompanhado por uma reflexão sobre o contexto da mulher na sociedade inglesa do século XIX e a análise do papel de Elizabeth nesse contexto. O trabalho objetiva mostrar o contexto sociocultural da época vivenciada pela personagem, o qual separava rigidamente os papéis destinados a homens e mulheres. Para tanto, buscar-se-á analisar o aspecto comportamental da personagem em relação ao casamento como: suas opiniões, desejos, atitudes, modos e evidencia a forma como aconteceu a sua transformação diante da tradição do matrimônio estabelecido pela sociedade. Dessa forma, para alcançar tais objetivos, utilizar-se-á as contribuições teóricas de Cevalco e Siqueira, (1998), Funck (2011), Sanders (1994), Teixeira (2015) e Zardini (2011), entre outros.

Palavras-chave: Romantismo. *Orgulho e Preconceito*. Casamento. Comportamento de Elizabeth Bennet.

¹ Aluna do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, com habilitação em Língua Inglesa.
E-mail: danielenasascimento22@hotmail.com

BETWEEN PRIDE AND THE PREJUDICE OF BEING A WOMAN: ELIZABETH BENNET AND THE FEMALE BEHAVIOR IN THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT

This paper aims to investigate the character Elizabeth Bennet, in the narrative *Pride and Prejudice* (2018), by the English writer Jane Austen. This will be accomplished by observing the main aspects of the personality of the character, which reflect in the way she behaves in front of what she thinks about marriage, which is fully evidenced by the author in the triggering of the work. Starting from a bibliographical and documentary research, we will initially present, briefly, the historical context about romanticism; then Jane Austen's biography and literary style; This will be accompanied by a reflection on the context of women in nineteenth-century English society and an analysis of Elizabeth's role in this context. The work aims to show the sociocultural context of the time experienced by the character, which rigidly separated the roles intended for men and women. To this end, it will seek to analyze the behavioral aspect of the character in relation to marriage as: their opinions, desires, attitudes, ways and shows how their transformation happened in the tradition of marriage established by society. Thus, to achieve these objectives, the theoretical contributions of Cevalco and Siqueira (1998), Funck (2011), Sanders (1994), Teixeira (2015) and Zardini (2011), among others, will be used.

Keywords: Romanticism. *Pride and Prejudice*. Marriage. Elizabeth Bennet behavior.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva analisar o papel da mulher no contexto inglês no século XIX, momento em que emergiu, no contexto da literatura, um novo modelo de escrita literária denominado de Romantismo.

Nessa perspectiva, iremos abordar de forma breve alguns aspectos da biografia da escritora Jane Austen, sua influência na literatura inglesa como mulher, dando voz a uma de suas personagens mais influentes nas obras romancistas da literatura inglesa, Elizabeth Bennet, de *Orgulho e Preconceito*. Jane Austen é considerada a escritora que influenciou de maneira decisiva na ampliação do gênero literário do romance inglês.

Dentro desse cenário de transições literárias e também sociais da sociedade burguesa, Jane Austen faz fortes críticas de maneira inteligente e irônica a tudo o que a incomodava na sociedade a qual estava inserida.

Portanto, justificamos a temática escolhida e romance inglês depois que estudei no Componente Curricular de Literatura Comparada, quando o professor apresentou para a turma quais os livros de romance que a turma teria que ler durante o semestre para realizar um exercício avaliativo de conclusão do componente. Quando iniciei as leituras referentes à narrativa de Jane Austen em *Orgulho e Preconceito*, encantei-me pela maneira peculiar de escrita da autora, suas opiniões e atitudes. A partir desse contato, já registrei em minhas anotações a probabilidade de apresentá-lo em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Mesmo escrito há mais de 200 anos, as temáticas sociais abordadas por Jane Austen na obra romancista permanecem vivas, atuais e reais na geração vigente.

Esse trabalho está estruturado da seguinte maneira. Primeiramente pela parte introdutória, secundamente, foi relatado breves considerações sobre o Romantismo, nesse tópico vale ressaltar as contribuições de: Cevalco (1985) e Sanders (1994). Em seguida, a biografia da escritora e sua colaboração para a literatura inglesa com a narrativa *Orgulho e Preconceito*. Depois, foi investigado o papel da mulher inglesa no século XIX, época qual a autora viveu e escreveu. Nesse tópico, vale destacar as considerações de: Funck (2011); Zardini (2011); Perrot (2015) e outros que colaboraram com seus estudos e reflexões em relação a temática em análise.

E por último, realizamos a análise bibliográfica, destinada ao aspecto comportamental da personagem Elizabeth Bennet, diante da temática social

casamento contida na obra. Nessa parte, percebemos os modos diferenciados da personagem quando comparados com as moças de sua época, e isso é percebido nitidamente quando ela depara-se com a proposta do matrimônio feita a primeira vez, por Sr. Collins, em seguida, seu comportamento diante dos galanteios de Sr. Wickham.

Para finalizar, observamos a mudança de seus modos que se deu de maneira gradativa em relação ao Sr. Darcy, recusando a primeira vez o pedido de casamento direcionado a ela, por ela julgá-lo orgulhoso, prepotente e insolente. Características essas atribuídas por ela a ele, que foi dissipada quando Elizabeth conheceu o seu verdadeiro caráter, numa viagem de verão realizada a convite de seus tios para a região dos Lagos, apaixonando-se e aceitando casar-se com Sr. Darcy, na segunda tentativa de pedido de casamento, assim, deixando todos surpreendidos.

2 ROMANTISMO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Durante o final do século XVIII e início do XIX o contexto literário vê emergir uma nova estética literária chamada romantismo, ou seja, um novo estilo literário pautado na maneira individual de um escritor manipular o uso da linguagem literária em suas escrituras, o qual teve início na Alemanha e logo em seguida chegou à Inglaterra, para depois entrar em solo francês.

Dessa maneira o início do romantismo procedeu como uma manifestação contra o neoclassicismo e observa-se os jovens poetas “e proclamando o fim do reinado da razão e do artificialismo” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1998, p. 47). Diferentemente do anterior, o novo estilo literário – romantismo – trazia uma ideia inovadora de criação de suas obras no que se refere à forma de escrevê-las, contrapondo-se ao estilo o qual a sociedade estava habituada, visto que os seus seguidores podiam expressar seus mais íntimos pensamentos assim, abstando-se do intelectualismo. Pois “O poeta romântico será sempre um individualista, sem perder a visão do social. Se este por vezes o desencanta, ele buscará refúgio num mundo particular, no qual se misturam o imaginário, o sobrenatural e o exótico” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1998, p. 47).

Os escritores que fizeram parte do novo panorama literário podiam exprimir as suas emoções, aventuras e sentimento nacionalista por meio de suas produções que era, de fato, o que os diferenciava dos escritores anteriores que viviam escravizados às leis e regras impostas pelos modelos que tinham como inspiração a Antiguidade Clássica.

Na fase inicial do Romantismo, o que influenciou efetivamente o movimento inglês foi a obra inaugural *Lyrical Ballads* (1798), de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. O primeiro trouxe para o Romantismo uma visão do ser mais humanizado em consonância com a natureza e o segundo dá espaço para a imaginação trazendo em suas poesias o sobrenatural. Ambos contribuíram fortemente para a literatura inglesa e até a atualidade são lembrados como pioneiros nessa categoria. Há também outros poetas que têm méritos para serem evidenciados, são eles: Lord Byron, Percy Bysshe Shelley e John Keats.

Por sua vez, o romance inglês iniciou ainda no século XVIII, mas foi no século seguinte que ele atingiu o seu auge no cenário literário, tornando-se o principal gênero literário para a sociedade inglesa que passaram a apreciar as prosas

literárias que retratavam a vida cotidiana da burguesia, a vida simples do campo, na Inglaterra, as grandes transformações socioeconômicas e culturais.

A estrutura do romance ainda mudaria muito no século seguinte, com os vitorianos – chamados assim, pelo fato de esse período ser o reinado da Rainha Vitória. Contudo, do período romântico é imprescindível evidenciar, entre os romancistas, dois grandes nomes de escritores que influenciaram de maneira decisória no desenvolvimento desse gênero literário, são eles: Walter Scott (1771-1832) e Jane Austen (1775-1817).

2.1 Jane Austen

Jane Austen era filha do pastor anglicano George Austen, nascida no dia 16 de dezembro de 1775, no condado de Hampshire, na Inglaterra. Ela foi a sétima de oito irmãos. Quando o seu pai faleceu em 1805, sua mãe, sua irmã Cassandra e Jane viveram em casas de parentes e amigos até o seu irmão Edward, que quando criança foi adotado por um parente rico e que tinha posses de terras, ofereceu-lhe sua casa no campo em Hampshire

Jane e Cassandra eram as únicas mulheres e ambas eram confidentes. Fato comprovado até os dias atuais, pois ainda se conhece uma série de cartas que demonstram a troca de correspondências entre ambas, embora uma parte das cartas escritas tenha sido queimada por sua irmã Cassandra após o falecimento da autora.

Em 1783, Jane e sua irmã foram para o colégio interno da Sra. Cawley, em Southampton, para continuar a educação sob sua tutoria. Mas, ambas tiveram que voltar para casa, pois contraíram uma doença infecciosa. No ano de 1785, as irmãs Austen foram reenviadas ao internato Abbey School, em Reading, cidade entre Londres e Oxford. Apenas essas duas vezes Jane Austen recebera educação fora do contexto familiar, após isso a educação ficou por responsabilidade de seus pais.

A escritora teve à sua disposição a biblioteca de seu pai. Na casa de seu pai, onde vivia em Steventon, havia liberdade, estímulo e aproximação com a literatura. Em sua infância e juventude Jane Austen teve a rica oportunidade de ler bastante, da literatura clássica à literatura contemporânea, pois é perceptível em suas obras as inúmeras referências que Jane faz ao conhecimento clássico e contemporâneo de sua época.

No contexto sócio - histórico e cultural em que Jane Austen viveu, ela aprendeu costumes em comum para todas as moças de seu tempo, tais como: pintar, costurar, bordar, dançar, música, e noções sobre etiqueta. A maior parte do tempo de Jane passou-se na pequena e tranquila vizinhança rural e uma das suas atividades preferidas era tocar piano diariamente; sentia-se muito bem em dançar, também estava presente em jantares, piqueniques, visitas matinais, chá da tarde, recitais, bailes que aconteciam na região. (Cf. TEIXEIRA, 2015).

Em seus romances, pode-se analisar que Jane Austen só relatava o que realmente conhecia profundamente, ou seja, ela escrevia sobre o que de fato vivenciava; por isso esse cenário camponês é uma característica peculiar refletida em todos os seus romances, trazendo a certeza para seus leitores que Jane Austen a vivência naquele contexto rural. Estas características de sua produção literária demonstram que “O seu mundo é o doméstico, é o das casas dos nobres e abastados da província, cuja vida rotineira segue indiferente as convulsões sociais que agitam a Inglaterra” (CEVASCO; SIQUEIRA, 1998, p. 52). Fato que demonstra a nítida ausência de outras temáticas relacionadas à Inglaterra e a Europa como um todo.

Mesmo numa época em que o romance era considerado um gênero literário inferior e as mulheres eram desvalorizadas como escritoras, e muito menos estimuladas a fazer uso de suas ideias publicamente, pois “Onde novos escritores que adotaram o libertarianismo jacobino falaram de direitos, Austen se refere a deveres; onde eles procuram uma melhoria humana constante, ela permanece cética sobre a natureza da decadente condição humana²” (SANDERS, 1994, p. 370, tradução nossa). O que diria em escrevê-las e até mesmo publicá-las? Como o cenário da escrita era favorável apenas para os homens, no começo de sua trajetória como escritora ela foi recusada, mas isso não foi motivo para desistir, ela passou a usar pseudônimos como Mrs. Ashton Dennis e “By Lady” (por uma dama).

Jane era uma pessoa autêntica e acreditava fielmente em seu talento e em sua tamanha capacidade literária como escritora de romance inglês. Começou a escrever precocemente, sempre defendeu o romance, mas nunca poupou palavras

² “Where new writers who had espoused Jacobin libertarianism spoke of rights, Austen refers to duties; where they look for steady human improvement, she remains sceptical about the nature of the fallen human condition” (SANDERS, 1994, p. 370).

para criticar os exageros literários idealizados por escritores de seu tempo (TEIXEIRA, 2015).

No modo como Jane escrevia havia uma moderação e equilíbrio brilhantemente. Pode-se observar que:

Suas heroínas podem ser tão vivazmente inteligentes quanto Elizabeth Bennet e tão espirituosas, egoístas e independentes quanto Emma Woodhouse, mas ambas, como a essencialmente introspectiva Elinor Dashwood ou a passiva e auto-destrutiva Fanny Price, são finalmente levadas a julgamento maduro e, por bom extensão, realização emocional. A linha narrativa de *Sense and Sensibility* (1811), que equilibra maturidade contra impulsividade, também prejudica sistematicamente as atrações do glamour superficial e contrasta sistemas de valores conflitantes e formas de ver. Nos dois outros romances que provavelmente foram iniciados na década de 1790 e posteriormente revisados, *Northanger Abbey* (1818) e *Pride and Prejudice* (1813), primeiras impressões, ilusões e opiniões ou preconceitos subjetivos dão lugar a desapego, equilíbrio, razoabilidade e muito mais. dolorosamente, a uma reavaliação humilhante. A mera esperteza, inteligência ou espontaneidade, embora admiráveis em si mesmas, nunca podem triunfar sem estarem ligadas a alguma garantia moral mais firme³ (SANDERS, 1994, p. 371, tradução nossa).

De acordo com Sanders (1994), o seu bom-senso é transmitido com gentileza e elegância, uma serenidade e humor sempre requintado, dotada de ironia para descrever algo, mas repassava de maneira rebuscada o disparate da burguesia inglesa.

Austen morreu em 18 de julho de 1817, faleceu muito jovem, aos 41 anos de idade em Hampshire, na Inglaterra, por uma doença que atualmente supõe-se que seja doença de Addison (uma doença rara endocrinológica). Em busca de tratamento para essa doença, deixou inacabada a obra *Sandition*, livro que escrevia na época.

Jane Austen contribuiu de maneira ímpar para a literatura mundial, sendo considerada uma das mais influentes escritoras no cenário da literatura inglesa, com suas obras consideradas clássicas estão entre as mais lidas até a atualidade. Consagrada a segunda escritora mais importante depois de William Shakespeare.

³ “Her heroines can be as vivaciously intelligent as Elizabeth Bennet and as witty, egotistic, and independent as Emma Woodhouse, but both, like the essentially introspective Elinor Dashwood or the passive and self effacing Fanny Price, are finally brought to mature judgement and, by proper extension, emotional fulfilment. The narrative line of *Sense and Sensibility* (1811), which balances maturity against impulsiveness, also systematically undermines the attractions of superficial glamour and contrasts conflicting value systems and ways of seeing. In the two other novels which were probably begun in the 1790s and later revised, *Northanger Abbey* (1818) and *Pride and Prejudice* (1813), first impressions, illusions, and subjective opinions or prejudices give way to detachment, balance, reasonableness and, more painfully, to humiliating reassessment. Mere cleverness, wit, or spontaneity, though admirable in themselves, are never allowed to triumph without being linked to some steadier moral assurance (SANDERS, 1994, p. 371)”.

Um de seus romances mais conhecido mundialmente: *Pride and Prejudice* (Orgulho e Preconceito) foi publicado em 1813, obra que lhe rendeu reconhecimento como escritora e mulher na época vigente, tendo a oportunidade de assinar suas criações com seu próprio nome.

Revolucionária em vários aspectos, Jane Austen não se enquadrava nos padrões femininos estabelecidos em sua época. Recusando-se a casar por algum interesse, retratava em suas obras a mulher como figura principal, protagonizando, defendendo opiniões, causas e decisões femininas e com sua autêntica personalidade lutava para que as mulheres fossem respeitadas seriamente e ocupassem seu devido espaço na sociedade, como se pode observar em sua obra. Uma mulher admirável à frente de seu tempo, desbravava e trilhava por caminhos ainda pouco explorados. Para ela, a mulher deveria buscar, incansavelmente, a sua felicidade e seguir as suas próprias convicções.

Foi pioneira no panorama do papel feminino na sociedade de seu tempo, onde as leis relacionadas à herança não eram defendidas pelo Estado e perpetuava a tradição do morgadio, em que apenas homens eram beneficiados e à mulher a única alternativa era o casamento (AUSTEN, 2018).

A narrativa *Orgulho e Preconceito*, objeto de pesquisa desse trabalho, é as primícias de um talento admirável da escritora Jane Austen. No romance, as relações sociais estabelecidas entre as personagens, mesmo os relacionamentos amorosos, são diretamente afetados pelo dinheiro; as conversas fúteis e centralizadas na posição social ocupada pelas suas personagens também são retratadas em temáticas tais como: casamento, religiosidade, fraquezas humanas, ou seja, sentimentos e atitudes associados a indelicadeza, a hipocrisia, a altivez, o sarcasmo, a vulgaridade, o egoísmo, o orgulho e ao preconceito como é intitulada a própria obra.

Às suas personagens são atribuídas pelo menos um defeito pessoal, o que de fato aproxima da realidade humana trazendo-os para bem perto de seus leitores, independentemente de geração, um intenso efeito de conformidade com o ser humano. Além de ser um épico romance que representa o contexto cultural inglês do século XIX, *Orgulho e Preconceito* traz em sua narrativa relatos sobre o amor entre Elizabeth e Sr. Darcy um dos casais mais admiráveis da literatura romancista. Ambos estão na mesma medida no que diz respeito ao sexo masculino e ao sexo feminino, pois não se diferenciam no caráter, inteligência e no potencial físico;

características que os diferem de outros casais descritos em outros romances literários, por isso, essa vivacidade sem dúvidas os fazem apreciados até hoje.

De maneira bem condensada, podemos pontuar os principais episódios que serão desencadeados na narrativa: criação fictícia de Maryton, condado de Hertfordshire, na Inglaterra. Inicia-se quando um novo morador de nome Sr, Bingley aluga uma residência no vilarejo rural próximo a família Bennet, composta por pai, mãe e cinco filhas: Jane, Elizabeth, Mary, Kitty e Lydia, cuja preocupação de sua mãe era arrumar um bom casamento para cada uma delas.

A primogênita Jane Bennet e o jovem rico recém-chegado na região, Sr. Bingley, se apaixonam. O nobre Sr. Darcy, considerado grande amigo de Sr. Bingley, também está solteiro e em busca de uma esposa é tentado a sair logo da região antes que se comprometa com alguém. Mas, para a surpresa de todos, Sr. Darcy apaixona-se por Elizabeth Bennet, uma jovem culta, inteligente, autêntica e bem-humorada, dotada de ironia refinada; além de seus talentosos atributos, domésticos tão procurados nas mulheres da época. Ele a pedirá em casamento, mas o pedido não será considerado. Depois que Elizabeth conhece o verdadeiro caráter de o Sr. Darcy, ela apaixona-se por ele e declarando-se um para o outro, Sr. Darcy a pede em casamento pela segunda vez, e ela aceita, deixando assim todos surpresos com a notícia.

3 MULHER INGLESA NO SÉCULO XIX

Desde a criação das sociedades mais antigas, muitas vezes a figura feminina foi comparada à fragilidade. À mulher era reservado procriar, fazer os trabalhos domésticos, a educar os filhos e satisfazer o seu esposo. Com o passar dos anos e o desenvolvimento das civilizações, podemos observar, nitidamente na história da sociedade, o registro da discriminação tocante às mulheres, principalmente quando se trata de fatos referentes ao acesso à educação.

Pois era atribuída aos homens a condição de ter acesso à educação formal, o que era plenamente restrito às mulheres, pois para elas era destinada apenas a autonomia na organização do lar, onde o homem era o chefe familiar e decida por todos o que era melhor a fazer.

No início do século XIX, época em que Jane Austen viveu, ainda apregoava-se a concepção que homens e mulheres possuíam capacidades naturais diferentes e por esse conceito não poderia haver igualdade entre ambos os sexos diante da sociedade. Nota-se, assim, que se cria uma narrativa em torno do comportamento feminino que busca limitá-la em sociedade. A partir disso, podemos nos questionar: o que é ser uma mulher? Conforme destaca Funk (2011):

Afinal, o que é uma mulher? Muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles. [...] precisa ser biologicamente uma fêmea? Acredito que não, embora reconheça que a polaridade que a ciência historicamente construiu para os corpos humanos dificilmente permita uma subjetivação fora das normas do sexo biológico (FUNCK, 2011, p.67)

Apreende-se, então, que discursos preconceituosos e sexistas são criados como forma de criar padrões de comportamento feminino em especial no que concerne ao casamento e a obediência que as mulheres deveriam ter diante da figura masculina que só lhe é diferente por questões biológicas.

Embora a luta por igualdade entre gêneros já tivesse começado no século XIX, é durante os séculos XX e XXI que esse contexto histórico em relação ao papel das mulheres na sociedade começa a mudar através das manifestações e lutas frequentes pelas causas femininas, efetivando assim suas melhorias quando se trata da conquista de seu espaço na sociedade, que vem cada vez mais crescente na busca pela igualdade dos sexos.

Em relação à família nessa época, a escritora Jane Austen pertencia à classe média ou baixa aristocracia e sua família possuía uma renda anual de aproximadamente 300 Libras, conforme aponta Zardini (2011, p. 02). Além desse recurso anual, o seu pai, o Reverendo George Austen, possuía outro recurso financeiro para o sustento do lar a partir das aulas que ministrava em sua escola. Nessa época era de esperar-se que o patriarca da família deixasse um apoio financeiro para as filhas após a sua morte ou ficavam dependentes da ajuda da família, caso não cassassem. E a única alternativa para as moças em uma situação como esta, era trabalhar como governanta, professora etc., retrato que pode ser observado em muitas obras literárias, inclusive na de Austen.

No âmbito familiar as moças deviam comportar-se de maneira educada e demonstrar pureza e plena submissão ao desempenharem suas funções domésticas. Não existia incentivo familiar nem educacional para as moças progredirem em seus estudos pois eram-lhes considerados apenas os conhecimentos básicos. Zardini (2011) aponta que:

Com a expansão das escolas públicas, no século 18, os meninos podiam receber a educação, de acordo com a disponibilidade financeira da família. Frequentar uma universidade era impossível para as moças, já que o acesso à faculdade não lhes era permitido e não era comum meninas e moças frequentarem escolas regulares. Somente no final da década de 1840 as faculdades Queen's e Bedford, ligadas à Universidade de Londres, ofereceram vagas para moças, e, entre as décadas de 1860 e 1870, Oxford e Cambridge ofereceram vagas para o sexo feminino (ZARDINI, 2011, p. 02).

No caso de Jane e Cassandra Austen as duas tiveram acesso por duas vezes, em momentos diferentes, à educação fora do contexto familiar, mas, devido a uma doença contraída no colégio interno que frequentavam, tiveram que voltar urgentemente para casa para serem cuidadas adequadamente, ficando por responsabilidade de seus pais à educação.

Contudo, as moças dessa época deveriam ter alguns conhecimentos básicos tais como línguas, geografia e história, saber tocar algum instrumento, pintar, bordar e dançar, características que podemos observar no comportamento de Elizabeth Bennet.

Em relação ao casamento, a frase inicial da obra da escritora Jane Austen em *Orgulho e Preconceito* já dá ao leitor previamente uma das temáticas que desenrolará na trama que é a seguinte: “Um homem solteiro e rico precisa de uma esposa. Eis uma verdade reconhecida universalmente” (AUSTEN, 2018, p.7). Com

essa citação, Jane Austen declara fortemente que a narrativa falará de casamento, riquezas, conseqüentemente abordará as classes e relações sociais, fascinando o leitor pela maneira como a autora fala sobre essas temáticas na trama.

Esse romance, como já relatado logo no início da pesquisa, gira em volta da família Bennet, onde a única preocupação claramente da mãe é arranjar casamentos favoráveis para as suas cinco filhas. No desenrolar da narrativa observa-se vários exemplos de relacionamentos (casamentos). Um dos exemplos que mais chamou-me a atenção foi a opinião da segunda filha da senhora Bennet, chamada Elizabeth (Lizzy) que deseja um casamento onde o casal tenha plena igualdade entre o sexo feminino e masculino e que os desejos e opiniões de ambos sejam efetivamente respeitados. Conforme Perrot (2005) destaca:

Ser mulher nunca é fácil, sobretudo naquele século 19 que, em sua racionalidade triunfante, provavelmente levou a seu paroxismo a divisão sexual dos papéis e dos espaços, definindo o “lugar das mulheres” com um rigor apoiado no discurso científico (PERROT, 2005, p. 79).

Nessa época, consoante Zardini (2011, p. 09), o casamento era considerado um “acordo” entre as famílias; além disso, as leis da época desfavoreciam completamente as mulheres e o direito sobre o patrimônio e o controle do dinheiro eram privilégios dos maridos. Só após o *The Married Woman’s Property Act*, no ano de 1870, é que as mulheres conquistam o direito a herdarem rendimentos e propriedades após o casamento e, em 1822, conseguem manter o que conquistaram durante o casamento.

O Matrimonial Causes Act, de 1857, dava ao homem o direito de se divorciar, caso a mulher lhe fosse infiel. Porém, se uma mulher pedisse o divórcio por infidelidade do marido, esta perderia a guarda dos filhos e ficava proibida de vê-los. [...] Somente em 1891 é que as mulheres conquistaram o direito do divórcio, sem restrições aos filhos. O corpo da mulher também pertencia aos maridos, que foram proibidos, nesse mesmo ano, de aprisionarem suas esposas para obterem seus direitos conjugais relativos ao sexo. Absurdamente, somente em 1991 é que as leis proibiram os maridos de estuprarem suas esposas (ZARDINI, 2011, p. 09).

As mulheres descritas por Jane Austen casavam-se interessadas – como é o caso das irmãs de Elizabeth Bennet – em manter status, o casamento ainda era considerado como uma instituição econômica, ao mesmo tempo que traz personagens que tentam romper com esse panorama. Em suas obras, a autora sempre descreve as mulheres vivendo em um contexto social onde a educação não as permitia viver as suas vidas livremente, pelo contrário, deixava ainda mais reprimido o panorama feminino.

4 ELIZABETH: UMA NOVA MULHER NO SÉCULO XIX

A obra narrada em *Orgulho e Preconceito* é o primeiro trabalho da escritora britânica Jane Austen, que tem como pano de fundo a sociedade burguesa da Inglaterra no século XIX, representando a classe social à qual pertencia por meio de um romance regionalista.

Observa-se nitidamente no romance que as relações sociais representadas no enredo envolvem as relações entre dinheiro, amor, interesses e as divergências entre as classes sociais, disfarçados pelo orgulho da burguesia inglesa.

A narrativa gira em torno da família Bennet, composta por: esposa, marido e cinco filhas chamadas: Jane, Elizabeth, Mary, Kitty e Lydia, onde o único desejo da mãe era arranjar casamentos favoráveis para as filhas e enxerga com a chegada de dois jovens, Mr. Bingley e Mr. Darcy, solteiros e afortunados, uma grande oportunidade de resolver os problemas de finanças de sua família.

A história acontece em uma zona rural na Inglaterra e sua segunda filha, Elizabeth Bennet, será a protagonista do enredo.

Vale ressaltar que nesse período histórico, a Inglaterra passava por transições políticas, econômicas e sociais e, em relação à mulher, o único papel social era ser educada e preparada para ser mãe e esposa, não tendo nenhum estímulo nem incentivo para ocupar alguma função no contexto profissional.

Na frase inicial do enredo, Jane Austen escreveu: “Um homem solteiro e rico precisa de uma esposa. Eis uma verdade reconhecida universalmente” (AUSTEN, 2018, p. 07). Esta passagem não foi escrita por ela por acaso, haja vista que nela é retratada de maneira sintética que os casamentos na época eram encarados como meros acordos e no decorrer da narrativa percebe-se a profundidade do interesse que firma as relações na obra.

Através da personagem Elizabeth Bennet, Austen dá voz efetivamente ao gênero feminino, fazendo fortes críticas às mulheres de sua época que acreditam que o casamento/conseguir um marido era o único caminho para a resolução de seus problemas.

Elizabeth hostilizava uma sociedade conservadora, machista e patriarcal em que prevalecia a lei do morgadio, lei que favorecia apenas aos homens, restando como única alternativa às mulheres o casamento.

-Tudo isso está muito certo – replicou Elizabeth – para aqueles casos que o que prevalece é o desejo de se casar bem. Se um dia eu resolver arrumar uma marido rico, ou simplesmente um marido, creio que eu adotaria seu sistema. Mas, não é este o caso de Jane, ela não persegue um objetivo. No ponto em que as coisas estão, ela não pode sequer estar certa da natureza de seus próprios sentimentos, quanto mais de sua sensatez. Conheceu-o apenas há quinze dias. (AUSTEN, 2018, p.18)

A personagem contesta de maneira analítica o contexto de sua geração, porque ela deseja, como mulher, ser independente e capaz de abdicar um casamento planejado por conveniência. Elizabeth repudiava os valores impostos às mulheres de seu tempo, assim podemos observar que ela possuía um comportamento e temperamento bem peculiares.

Outro aspecto por ela repudiado era a tradição que passava de pai para filho e marido o poder de gerenciar o patrimônio adquirido pela família, visto que para as mulheres só cabia a administração do lar com os afazeres doméstico, a educação dos filhos e satisfazer os desejos do marido. Enquanto isso, os homens também eram favorecidos com a predominância nos espaços públicos, com educação escolar, eram bem sucedidos no contexto profissional, porque o mercado apenas os acolhia e cabiam a eles gerenciar as propriedades e finanças da família e da esposa (quando casados).

Por essas e outras razões Elizabeth era bastante admirada pelo pai e muito criticada pela mãe, sendo até descartada de um eventual pedido de casamento, devido as suas ideias e comportamentos diferenciados em relação as moças de sua geração. Mas a mãe de Lizzy, enfatiza em uma de suas falas algo que chama a atenção sobre ela, quando comparadas com as suas irmãs.

- Nenhuma delas é especialmente dotada, são todas tolas e ignorantes como qualquer outra jovem. Mas Lizzy tem uma vivacidade que as outras não têm. (AUSTEN, 2018, p.8)

Quando o Sr. Collins resolveu fazer seu pedido formalmente para a senhorita Elizabeth Bennet, num momento em que todas se encontravam reunidas, logo depois do café da manhã, antes que ela respondesse algo sobre a declaração, a Sr. Bennet imediatamente respondeu com muita alegria a surpresa de um possível casamento para a sua filha. Lizzy ficou extremamente embaraçada e aflita com a situação. O Sr. Collins explanou todas as suas razões que o levara a pronunciar o pedido de casamento e, depois de longas explicações, Lizzy permaneceu em silêncio e, quando teve a oportunidade de exprimir a sua opinião, observa-se o seu modo ousado e determinado de se expressar em relação ao tema casamento.

- Mas que precipitação é essa? – estranhou ela – O senhor esquece-se que eu ainda não respondi. Aceite meu agradecimento pelo elogio que está me fazendo. Tenho consciência da honra que seu pedido me refere, mas é impossível outra atitude senão recusá-lo. (AUSTEN, 2018, p.73)

Mesmo diante dessa inesperada rejeição feita por Lizzy ao Sr. Collins, ele não se demonstrou desapontado e insistiu em dizer que esse tipo de comportamento era comum entre as jovens da época, de recusar um pedido como esse quando feito pela primeira vez e ainda afirmou que poderá repetir a recusa numa segunda e até terceira vez. Dessa forma não se mostrou de modo algum desanimado, pelo contrário, a atitude de Lizzy serviu para ele de combustível para alimentar a ideia de conduzi-la brevemente para o altar.

E mais uma vez Elizabeth teve a oportunidade de expressar suas ideias e convicções a respeito de um casamento estruturado, sem amor e expondo o que a diferenciava dentre as outras jovens de seu contexto.

- Por Deus, senhor – Exclamou Elizabeth -, sua esperança é bem extraordinária após ter ouvido declaração como a minha. Garanto-lhe que não sou nenhuma daquelas jovens que se mostram tão audaciosas a ponto de arriscar sua felicidade na perspectiva de serem pedidas uma segunda vez. Estou sendo perfeitamente sincera na minha recusa. O senhor nunca poderia me fazer feliz e estou certa de que seria eu a única mulher do mundo capaz de fazê-lo igualmente feliz. (AUSTEN, 2018, p.73)

Dessa forma, tanto nas afirmações de Sr. Collins e de Elizabeth Bennet é bem retratado como costumeiramente as moças tinham que se comportar na sociedade diante de um pedido de casamento, pois elas eram consideradas jovens elegantes, dessa forma elas tinham que se comportar de forma submissa e ser “educada” – o que significava aceitar o pedido de casamento, para tanto Lizzy prefere ser deselegante a ter que aceitar um casamento por conveniência. Também é retratado o que um homem espera do caráter de uma mulher, mas, para a surpresa de todos, Elizabeth dá uma resposta incoerente para a realidade de sua época.

Mesmo assim, sem acreditar no que ouvira, ou seja, que ela verdadeiramente estava desconsiderando o seu pedido, ele ainda insiste alegando que quando pudesse novamente retomar ao assunto, esperava receber uma resposta favorável “pois sei que é costume das moças repelir a primeira solicitação, e talvez a prima tenha exprimido de tal modo para encorajar meu pedido, o que está perfeitamente de acordo com a mais pura delicadeza própria do caráter feminino” (AUSTEN, 2018, p.74).

- Garanto que não tenho qualquer pretensão quanto a esse gênero de elegância que consiste em atormentar um cavalheiro respeitável. Preferiria que me elogiasse pela minha sinceridade. Deixe de mim considerar uma jovem elegante tentando aguilhoá-lo, para ver em mim uma criatura racional que lhe fala com o coração (AUSTEN, 2018, p. 74).

Nessa afirmação, Elizabeth novamente têm modos revolucionários, projetando em si uma mulher à frente de seu tempo, expressando abertamente seus desejos e lutando para ser respeitada pela decisão tomada. Ela ignorava a ideia de uma mulher iludir um homem fingindo amá-lo ou tentando seduzi-lo com recusas, e desse modo conquistá-lo.

O Sr. Bennet acatou a decisão tomada pela filha, pois ele a conhecia muito bem. Já a Sra. Bennet, que a única preocupação era ver a filha casada, mesmo sem amor, ficou muito desapontada com as atitudes da filha, chamando-a de teimosa e insensata por não dar a devida credibilidade ao interesse de Sr. Collins. E afirmou para a filha que se ela continuasse negando as propostas de casamento nunca encontraria um marido e conscientizou a senhorita Elizabeth que sem marido não teria ninguém para sustentá-la quando seu pai falecesse.

Encontram-se no enredo vários modelos de relacionamentos e perspectivas diferenciadas sobre o matrimônio e um deles é o modelo de como se deu o casamento da amiga de Elizabeth, chamada de Charlotte Lucas. Nessa ocasião que também será descrita a seguir, retrata em síntese a visão de como uma moça da época poderia arranjar um casamento.

Depois do pedido de casamento que o Sr. Collins fez a Elizabeth Bennet, a sua amiga, a Senhorita Lucas, formulou o plano de dar atenção ao Sr. Collins em um jantar oferecido em seu lar, onde a família Bennet foi convidada também. Nesse encontro, Elizabeth sentiu-se no desejo de agradecer a amiga o que ela estava para fazer.

- Deixe-o de bom humor que eu ficarei mais grata do que você imagina. Charlotte afirmou que tinha muita satisfação em lhe ser útil e que isto lhe pagava plenamente o sacrifício de seu tempo (AUSTEN, 2018, p.83).

Podemos destacar quão espantosos são os modos do Sr. Collins em pedir em casamento Elizabeth e, por ela não aceitá-lo, num prazo tão curto de tempo faz solicitação de casamento à senhorita Lucas; e ele, dotado de uma personalidade fogaosa, já a pediu para que ela marcasse o dia em qual dia ele se tornaria o mais feliz dos homens. A senhorita Lucas, que o aceitara por pura conveniência, pois ela só tinha o desejo de possuir uma estabilidade econômica e social que, na

perspectiva dela, a única chance era se casar, porque já tinha vinte e sete anos de vida e era desprovida de beleza. Vê-se, assim, como a mulher era tratada como um objeto que pertencia ao pai, quando solteira, e ao esposo, quando casada, sem ter direitos na sociedade.

Por essa e outras razões tão fúteis, o pedido foi rapidamente considerado pelo pai e pela mãe da senhorita Lucas e assim toda a família sentiu uma enorme alegria. Observe que o comportamento da senhorita Lucas em paralelo com o de Lizzy é totalmente o oposto, pois Charlotte tinha a convicta certeza que a companhia do Sr. Collins seria enfadonha e sua afeição por ele seria totalmente fruto de sua imaginação. Já Lizzy de modo algum se conformaria em casar nessa condição, pois não se acostumava com a ideia de não casar por amor e ter que viver debaixo de um jugo como este, pelo fato de ter que cumprir com os padrões estabelecidos pela sociedade, renegando dessa maneira a sua liberdade e felicidade.

Elizabeth de jeito algum poupava palavras quando tinha a oportunidade de expressar suas ideias, consigo mesma em suas reflexões ou quando precisava aconselhar alguém. Numa de suas conversas com a sua tia Sra. Gardiner, logo depois de sua chegada à Rua Gracechurch, em Hunsford onde residia os seus tios, ela comprova mais uma vez que é uma moça dotada de ousadia ao referir-se ao matrimônio e aos homens através de suas indagações.

Antes de Lizzy ir passar uma temporada na casa de seus tios, ela despediu-se com tristeza de seu pai que, com certeza, ele sentiria muito pela sua ausência – mais por parte dele do que dela – e também se despediu cordialmente de Sr. Wickham. Para ele, Elizabeth era de grande estima, porque ela foi a primeira pessoa a despertar sua admiração e, durante todo o percurso da conversa e de todos os sentimentos expressados por ambos, a afeição que um sentia pelo outro para sempre os uniriam. Quando se separaram, ela sabia que ele, solteiro ou casado, representaria para sempre um modelo ideal de pessoa agradável e sedutora.

A Sra. Gardiner indagou a sobrinha em relação a deserção do Sr. Wickham e a parabenizou por suportá-la. A tia chama-o de interesseiro e Lizzy pergunta:

- E qual é, querida, a diferença entre casamento por interesse e por prudência? Onde acaba a sensatez e começa a cobiça? No Natal a tia receava que ele casasse comigo, pois seria uma imprudência; e agora, porque ele procura cativar uma garota que possui dez mil libras, a tia conclui que ele é um interesseiro (AUSTEN, 2018, p. 102).

Em seguida, nessa mesma conversa Lizzy, sem restrições, comenta com sua tia sobre Sr. Wickham que viveu em Debyshire e dos jovens que ainda vivem e rapidamente é repreendida pela tia. Ela afirma que está farta de todos eles e diz que graças a Deus partirá no dia seguinte dali para ter prazer na companhia de outro homem digno de qualquer qualidade e acrescenta que: “Os estúpidos são, no fundo, os únicos que valem apenas conhecer” (AUSTEN, 2018, p.103). A sua tia diz: “- Toma cuidado, Lizzy, o que acabaste de dizer soa muito parecido como desilusão” (AUSTEN, 2018, p.103). Observa-se que, no comentário da Sra. Gardiner, o fato de uma mulher questionar o seu papel na sociedade e como ela é tratada em relação aos homens é um sinônimo de desilusão. Sendo assim, a mulher não tem o direito de estar na companhia de quem deseja, possuindo ou não padrões aceitáveis pela sociedade, que rótulos já lhes são criados e impostos.

Antes de concluir a conversa, inesperadamente ela recebe um convite para acompanhar os seus tios no passeio do próximo verão. A tia relatou que não sabia ainda para o lugar que iam nesta viagem, mas garantiu que a ideia principal é visitar a região dos Lagos. Elizabeth, movida de muita alegria, desabafa de maneira profunda e de forma realista, analisa o comportamento que ela pretende obter depois do regresso da viagem e criticamente reclama de como os outros viajantes se comportam ao chegar de uma viagem.

- Minha querida tia, querida tia, que delícia! Que felicidade! É como se revivesse. Adeus desilusão e melancolia. Que são os homens comparados às rochas e às montanhas? Oh! Que horas de êxtase não serão as nossas! E quando regressarmos, não acontecerá como o que acontece com os outros viajantes, que não conseguem dar uma ideia exata de nada. Nós saberemos para onde fomos, e descreveremos o que vimos. Lagos, rios e montanhas não se misturaram em nossas imaginações, e em nossa tentativa de descrever determinado cenário, não discutiremos quanto à sua situação relativa. Não deixaremos que nossas primeiras efusões sejam tão insuportáveis como as da maioria dos viajantes! – exclamou ela animada. (AUSTEN, 2018, p.103)

A respeito da relação entre Elizabeth e o Sr. Wickham, chegara o momento no qual ambos se viriam pela última vez, pois já era tempo do Destacamento Militar partir da região de Meryton. Depois do seu regresso, eles se viam frequentemente em sociedade, mas não existia mais em seus encontros o mesmo entusiasmo que sentia no início de suas relações; a afeição e as palavras gentis, que a princípio ela gostava, tinham se dissipado. Percebeu que sua conduta atual para com ela era uma maneira de contrariá-la ainda mais. “Ela acabou de perder todo o respeito por

ele, ao ver-se assim escolhida como um objeto de tão fúteis galanteios” (AUSTEN, 2018, p.146).

No último dia que estava em Meryton, o Sr. Wickham jantou com os oficiais em Lougbourne. Elizabeth demonstrava-se tão desinteressada e indiferente para com Wickham que fez questão de que, antes que ele partisse de vez, ficasse sabendo com quem ela se distraiu em sua ausência. Ela, sem hesitar, respondeu que o coronel Fitzwilliam e o Sr. Darcy passaram umas semanas em Rosings e a reação dele foi de surpresa. Separaram-se com cortesia e com um possível sentimento recíproco de nunca mais se virem.

Se as opiniões de Elizabeth se baseassem no exemplo dado por sua própria família, sua ideia de felicidade conjugal e conforto doméstico não seria das mais lisonjeiras. Seu pai, cativado pela vivacidade, beleza e animação que a juventude em geral confere às mulheres, tinha se casado com uma pessoa cuja mediocridade intelectual e insensatez em breve o impediram de sentir por ela qualquer tipo de afeição. O respeito, a estima e a confiança tinham se desvanecido para sempre e todos os seus anseios de felicidade doméstica foram destruídos. Contudo, o Sr. Bennet não era desses homens que procuravam lenitivo para as decepções causadas pela sua própria imprudência entregando-se àqueles prazeres nos quais os infelizes procuram compensação para suas loucuras e seus vícios. Ele gostava do campo e dos livros, e daí tirava suas próprias distrações. Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos de seu pai como marido. Mas admirava suas qualidades e era grata da maneira afetuosa como ele a tratava. Porém nunca, como agora, sentira tão fortemente a ameaça para os filhos dos inconvenientes trazidos por um casal tão pouco unido (AUSTEN, 2018, p. 147 e 148).

O dia combinado para a viagem de Elizabeth para a Região dos Lagos com os seus tios se aproximava; faltavam apenas quinze dias quando ela recebeu uma carta de sua tia anunciando o adiamento da partida e a redução dos dias do passeio, por motivo de trabalho. Ela ficou desapontada com a mudança do combinado, pois seu desejo era conhecer os lagos e, com essa abreviação de dias, corria o risco do tempo não ser o suficiente para conhecê-los.

-Muitas ideias se associavam ao condado de Derbyshire. Era impossível ler a palavra sem pensar em Pemberley e em seu proprietário.” Decerto poderei adentrar a região e espreiar por ela meus olhos, sem que ela dê por mim”. (AUSTEN, 2018, p.149)

Nesse raciocínio de Lizzy, constatamos sua recordação à Wickham. A sua tia já havia dito que era o local que ele havia vivido em sua mocidade, pois a tia tinha ciência da afeição que a sobrinha outrora teve por ele. Rapidamente, veio ao

pensamento que também tinha a possibilidade de se encontrar com o Sr. Darcy e que isso era péssimo, pois esse possível encontro lhe faria corar.

Com isso, nota-se que o sentimento dela por Wickham, já ficou no passado. Todas as lembranças correspondentes à ele vinham em sua mente, mas de maneira passageira e logo se desfazia. E também comprova no parágrafo anterior algo diferente no modo como Lizzy se refere a Darcy, que é a mudança de cor em sua face (corar) quando a faz pensar nas chances de encontrar o proprietário. Ela cogitou que essa mudança era horrível, mas são indícios que poderá vir a ser um possível amor.

Em contraste, percebe-se que ela nutria uma afeição por Wickham, mas de maneira alguma podia mostrar-se vulnerável a isso, pois tal atitude poderia fortemente prejudicá-la aos olhos de Darcy; e também ficava assustada com a ideia de que Darcy pudesse perceber sua mudança quando ele estava por perto. Apreende-se, diante desse comportamento confuso de Lizzy, o poder que ela tem de escolher qual pretendente queria ter para viver um relacionamento amoroso, atitude essa, atípica de seu contexto social.

Elizabeth esperava muito empolgada para conhecer os bosques de Pemberley e ao passar pelos portões sua emoção foi bem maior. No capítulo 43 do romance é descrita detalhadamente a parte externa e interna da casa. O encantamento com a exuberância do local foi em comum para os visitantes.

No interior da casa, intimamente Lizzy pensou que poderia ter sido a proprietária de tudo aquilo que estava contemplando.

‘Em pensar que eu poderia ser a dona de tudo isso! A estas horas já estaria suficientemente familiarizada com todos esses cômodos! Em vez de os percorrer como uma estranha, poderia regozijar-me de possuí-los e receber neles, como visitantes, meu tio e minha tia’. – pensou Elizabeth. Mas, voltando a si, continuou: Mas não, isso nunca poderia acontecer. Meu tio e minha tia estariam perdidos para mim. Jamais teria a permissão de recebê-los.

Esta lembrança Elizabeth considerou oportuna, pois evitou que seu sentimento fosse com a sensação de arrependimento. Não era de sua personalidade sentir remorso por nada, pois em situações outrora no romance ela sempre se mostrou segura de si e o que decidia não tinha mudança, não falava mais no assunto. Ela própria começa a perceber sua mudança de pensamento e de determinados comportamentos, principalmente uma alteração a respeito de Darcy, pois antes ele era considerado repugnante a seus olhos.

Mesmo convicta de seus sentimentos e ideias em relação ao amor e a Darcy, depara-se com uma nova Lizzy, rendendo-se ao amor, fazendo-a mudar, mas com sua personalidade peculiar. Lizzy de modo algum queria mostrar-se fragilizada, sempre buscando provar para si mesma, em suas indagações internas sobre esse possível amor, nenhum sentimento de arrependimento. Garantindo, assim, fortemente suas convicções e deixando bem esclarecido que só o verdadeiro amor a levaria a contrair matrimônio. Sendo assim, só casaria com quem ela escolhesse, jamais seria por conveniência ou necessidade.

A governanta da casa, uma senhora idosa de aspecto muito respeitável, perguntou a Lizzy se ela conhecia o Sr. Darcy. Ela corou e respondeu que sim. Em conversas, Lizzy teve a oportunidade de falar em casamento, (uma das temáticas mais marcantes nos romances escritos por Austen), então Lizzy afirmou: “– Se seu patrão se cassasse, a senhora o teria mais vezes aqui. – Sem dúvida, mas não sei quando isso acontecerá, não conheço ninguém à altura dele” (AUSTEN, 2018, p.152).

Nessas afirmações os tios de Lizzy perceberam que a governanta lhe faria um grande elogio e a senhora ainda acrescentou que todos que o conhecia fariam a mesma coisa. Lizzy também achou que ela havia exagerado em seu elogio, mas ainda espantada ficou ouvindo tudo o que a governanta tinha a dizer sobre o perfil de Darcy com ricos detalhes, pois ela conhecia-o desde os quatro anos de idade.

Dessa maneira, tudo o que ouviu da senhora fez despertar em Lizzy um grande sentimento de ternura por Darcy, então suas ideias e modos para com ele começam a mudar. Existia naquele momento, no coração de Elizabeth, um sentimento de ternura para com o atual proprietário de Pemberly, como jamais tivera naquele período em que melhor o conhecera.

Os elogios com os quais a senhora Reynolds o tinha acumulado não era de pouca monta. Nenhum louvor é mais valioso do que de um criado inteligente. Após terem terminado a visita, tornaram a descer as escadas e, ao despedirem-se da governanta foram entregues aos cuidados do jardineiro que os esperava na entrada da casa (AUSTEN, 2018, p. 154).

Segundo a governanta, o Sr. Darcy estava ausente da propriedade, mas chegaria no dia seguinte com alguns amigos. Contudo, o inesperado acontece e subitamente ele chega à lateral da casa. Como foi de repente, não havia possibilidades de Lizzy esconder-se e foi inevitável que os seus olhares se cruzassem e dessa vez os dois coraram igualmente e de maneira intensa.

Nessa situação, Elizabeth, ao vê-lo se aproximar, não se deteve e recebeu seus cumprimentos com um embaraço tremendo e difícil de ser domado.

Poderia até parecer que ela se colocara propositadamente em seu caminho! Oh, por que tinham vindo? Ou por que havia ele de vir na véspera do dia que era esperado? Se tivessem saído dez minutos mais cedo de Pemberley, ele não a teria reconhecido de longe. Pois era evidente que chegara naquele momento e que tinha acabado de apeiar do cavalo ou da carruagem. Ela corou várias vezes ao recorda-se da perversidade daquele acaso. E o que significaria aquela alteração em seus modos? Era espantoso que ele lhe tivesse dirigido a palavra, sequer. E falar com tanta amabilidade e perguntar pela sua família! Nunca na sua vida Elizabeth o vira comportar-se de maneira tão pouco cerimoniosa. Nunca ele lhe falara com tanta doçura durante aquele inesperado encontro. Que diferença desde aquela ocasião em que se dirigia a ela no parque em Rosings a fim de lhe entregar a carta. Ela não sabia o que pensar e nem como explicar tudo aquilo. (AUSTEN, 2018, p.155).

Elizabeth desconhece esse comportamento de Darcy, ficando surpreendida com tamanha doçura e, sem as devidas cerimônias a qual os jovens da época eram submetidos a fazer diante das damas, como galanteio, ela percebe a liberdade e desenvoltura em suas falas ao conversar com ela, quebrando um dos padrões estabelecido pela sociedade; padrão esse que Lizzy, como mulher à frente de sua época no que concerne à discussão de questões sociais, já estava acostumada a quebrar.

A evolução nos modos de ambos é um fator determinante para identificar como um homem e uma mulher estão à altura um do outro nas relações diárias, no intelecto, nas intenções amorosas, nas atitudes, além de muitos outros fatores. São revolucionários, por isso a certeza, de que essa atração entre eles aconteceu dessa maneira tão melancólica a princípio e depois tornou-se tão profunda e intensa.

Esses e outros encontros se deram durante o enredo, fazendo com que Lizzy se aproximasse ainda mais de Darcy, fazendo-a refletir sobre como ela se comportara quando o conheceu, deixando-a envergonhada pelo o que pensou a respeito dele intimamente e no que até mesmo havia falado. E todos os seus conceitos ruins para com ele iam se dissipando e seu afeto só crescia.

Após o noivado de Bingley e Jane, a família Bennet recebe uma visita não esperada em sua casa, era Lady Catherine de Bourgh, a tia de Darcy, que afirmava ter chegado aos seus ouvidos uma notícia não desejada por ela, que não era só a irmã de Lizzy que estava para casar, mas também a própria senhorita Elizabeth Bennet, estaria para casar com o sobrinho dela, o Sr. Darcy.

Ela queria acreditar que a notícia não era verdadeira, acrescentou que se tratava de uma “escandalosa falsidade” e resolveu partir diretamente para Longbourn, sem comentar para Darcy (seu sobrinho) que faria essa viagem para elucidar sua opinião sobre esse boato e dizer que o evento não poderia acontecer, porque Darcy já era noivo da filha dela desde quando eles estavam ainda no berço. Pois essa união era o desejo da mãe de Darcy e também o dela. (AUSTEN, 2018, p.216)

Diante de tudo o que Elizabeth ouviu da parte da tia de Darcy, ela retrucou de maneira ousada, inteligente e de bom senso, dizendo que não era a pessoa mais adequada para dar tal garantia sobre tal pergunta. Depois da visita da tia, na manhã seguinte o pai de Lizzy a chama para dizer-lhe que recebeu uma carta, ela já previa que era de Lady Catherine e antevia todas as explicações que teria que dar, seguiu o pai até a lareira e o pai disse:

-Recebi esta manhã uma carta que me surpreendeu extraordinariamente. Como ela se refere principalmente à sua pessoa, é necessário que seja informada de seu conteúdo. Não sabia que tinha duas filhas à beira do matrimônio. Felicito-o por sua grande conquista de grande envergadura. (AUSTEN, 2018, p. 221)

Elizabeth teve a oportunidade de agradecer a Darcy pela estimável interferência dele no caso de sua irmã e Darcy calorosamente se declara para ela.

-Se insiste em me agradecer – replicou ele-, faça-o apenas por você. Não nego que o desejo de lhe agradar tenha contribuído também para o que fiz. Mas sua família nada me deve. Respeito-a muito, mas creio que foi só em você que pensei. (AUSTEN, 2018, p. 225)

Diante dessa declaração ela sem restrição fala que ele é o seu amor e os seus sentimentos permanecem os mesmos, mas que bastava apenas uma palavra dele para nunca mais ela falar sobre o assunto.

A recordação da carta de Darcy para Lizzy veio à tona na conversa, mas eles chegaram à conclusão que não valia apenas falar nos sentimentos depositados naquela carta e nem sobre o que Lizzy equivocadamente falou para ele, que nada poderia convencê-la aceitar a sua mão. Assim, é nítido na narrativa que os modos e sentimentos de um pelo outro sofreu uma grande transformação e todas as situações, antes dolorosas para eles, agora deveriam ser esquecidas.

Ambos reconheceram o orgulho, vaidade e presunção que os cegavam, impedindo de viverem um grande amor. Mas isso é revertido quando cada um deu-

se a chance de olhar para si mesmos e refletir sobre seus modos, quando destinados um para o outro, pois tanto Elizabeth como Darcy eram pessoas realistas e tinham índole bondosa, generosa e eram muito inteligentes, mas com uma soberba e preconceito que os atrapalhavam em muitas situações em suas relações diárias e de ver e viver a vida com mais leveza.

Finalmente, perceberam a tempo, de não desistirem de aventurar-se num grande romance como foi o do referido casal, mostrando que tanto homens quanto mulheres devem gozar do direito de escolhe com quem devem se casar, entre outras questões referentes a escolhas em suas vidas. Nessa obra romancista idealizada e escrita por Jane Austen há mais de 200 anos, e lembrada com tanta vivacidade pelos amantes, assim como eu, de um bom romance.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora Jane Austen foi capaz de produzir um enredo que difere dos visto antes pelos romancistas ingleses de sua época. Além de dominar com grande estilo, habilidade e equilíbrio as falas, atitudes e expressões de cada personagem, ela transpassa para o leitor uma sensação de verdade na descrição dos eventos que garante ao leitor estar vivenciando plenamente o que a autora descreve.

O jeito inovador de Jane Austen de produzir suas personagens, tanto femininas como masculinas dentro da esfera romântica, confirma como ela estava é uma precursora em sua maneira de representar o papel da mulher em sociedade. Pois traz uma representação da realidade social, ou seja, descreve de maneira simples o contexto de uma sociedade, característica essa bem presente na obra *Orgulho e Preconceito* ao apresentar Elizabeth em conflito com as normas sociais da época.

A obra prima é presenteada a sociedade pela mente peculiar de uma mulher que aborda várias temáticas sociais servindo como fonte para análise até os dias atuais.

Ao longo deste trabalho, foram evidenciados os momentos de Elizabeth Bennet, em relação ao casamento, que transformaram em oportunidades para ela expressar sua opinião de maneira crítica, irônica e inteligente. Até chegar ao ponto de ela própria se embaraçar com seu estado de espírito e sentimentos, chegando ao patamar de não reconhecer-se mais com suas mudanças.

Foram constatados de maneira gradativa os modos de Elizabeth expressar seus sentimentos, que foram mudando à medida que ocorria cada proposta de casamento, principalmente a respeito da personagem de S. Darcy. Primeiro acontece o pedido de Sr. Collins, que a propõe em casamento, mas prontamente Elizabeth desconsidera o pedido, fazendo-a sorrir diante da situação. Pois estava fora de cogitação a ideia de um casamento arranjado por conveniência, como era o caso. No mesmo período, ela também conhece o Sr. Wickham, um dos oficiais do destacamento que se alojava em Meryton. Por ele, Lizzy sente uma profunda admiração, mas, com o passar do tempo, caindo em si, ela percebe que suas gentilezas e galanteios na maneira de relacionar-se diariamente com ela não passava de uma amizade.

Para finalizar, Lizzy é pedida em casamento pelo Sr. Darcy, mas ela recusa imediatamente, pois o acha arrogante, orgulhoso e insolente. Mas o Sr. Darcy toma uma atitude inesperada de escrever uma carta para ela, esclarecendo a situação com Sr. Wickham, detalhando que ele havia mentido em relação à herança, assim descrevendo nessa carta o seu verdadeiro caráter e intenções.

Lizzy fica confusa diante da situação ocorrida. Depois, viajando para a região dos Lagos com seus tios, numa viagem de verão, ela conhece Pemberley, cujo proprietário é o Sr. Darcy. Nesse local eles se encontram inesperadamente e ele demonstra ser uma pessoa sem ressentimentos e cheio de amabilidade e gentilezas, mudando totalmente a impressão que Lizzy tinha a princípio quando o conheceu.

Sr. Darcy, encorajado pelo amor que sente por Lizzy, pede-a em casamento pela segunda vez e ela, sem demora, considera a proposta sem dúvidas que o amava e foi uma imensa surpresa para todos.

Em síntese, nessa última parte do estudo bibliográfico foi analisado o aspecto comportamental da personagem Elizabeth Bennet diante de cada situação correspondente à temática social do casamento, representada na obra *Orgulho e Preconceito*.

Faz saber que a obra analisada fornece amplo material em temáticas sociais atuais, tanto em suas personagens, cenários, como no estudo da própria vida da autora romancista inglesa, fato que possivelmente permanecerá dessa maneira pois a obra marcou toda uma geração e Jane Austen deixou um legado inesquecível.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane *Orgulho e preconceito* / Jane Austen; tradução Georgia Vicente. – 1.ed. – Cotia [SP] : Pé da Letra, 2018.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática S.A., 1985.

FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher? In: *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2011. Revista Cerrados. Vol. 20, N. 31.

Marina Amaral Oliveira / UFS. Disponível em: <http://www.austlii.edu.au/au/legis/vic/hist_act/mwpa1870290/>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SAINT ANDREW'S UNIVERSITY. Self and Society in the Victorian Novel – women and the law in Victorian England

SANDERS, A. **The short oxford history of English literature**. Oxford University Press, 1994.

SULLIVAN, Margaret C. *The Jane Austen Handbook – A Sensible Yet Elegant Guide to Her World*. Philadelphia: Quirk Books, 2007.

TEIXEIRA, Rebeca Lima. “May i introduce you Mr. Darcy?” Focalização da personagem em *Pride and Prejudice*. Salvador, 2015. Monografia (Graduação). UFBA-Instituto de Letras.

ZARDINI, Adriana Sales. *O universo feminino nas obras de Jane Austen*. 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em2/TEXT0%201%20ADRIANA.pdf>. Acesso em 18 de setembro de 2019.